

## Índice

Uma nota antes do prefácio	11
Prefácio, entrevista	15
Aqueles com quem me encontrei	22
Uma agulha na camisa	24
A aparadeira da luva	27
8 de março. A mulher que não podia andar	30
Duas mulheres nas escadas de embarque de um avião. O movimento cessou. 9 de março. Kiev.	33
A mulher que adoeceu	37
A florista	40
A manicura	44
A minha irmã	46
Histórias de vizinhos	48
A mulher que encontrou trabalho	51
A mulher do guarda-chuva preto quebrado	54
A sonhadora	57
A solitária	62
Lena corre perigo	65
Crónica de uma insurreição	71
O poder do tempo	76
Elena	79
Falência	83
A indecisa	87
As estrelas	91

Metamorfoses	95
Lilases	99
Uma mulher na cosmetologista	104
As irmãs	108
Filosofia	112
Fogo de barragem	115
Três canções lamentosas	117
Por exemplo	126
Esboços para uma autobiografia	131
Uma mulher ingênua	136
Breve declaração sobre a espera	137
Agradecimentos	145

## Uma agulha na camisa

Era uma vez uma mulher — simpática, amável, agradável em todos os sentidos. Era inteligente, bonita, diziam alguns. Havia mesmo quem a elevasse aos céus. Vivia ela na rua Málaia Jitomírskaia, em Kiev, e todos os dias se alegrava quando descia a rua, mas não quando a subia. Era tão cândida que gostava de descer, e não gostava de subir. Tinha já cerca de trinta anos, ou talvez quarenta, ou talvez vinte e cinco. À luz dos candeeiros de iluminação pública ao princípio da noite, ela tinha quarenta anos, mas de manhã parecia quase uma criança, em especial se olhassem de costas e soubessem que ela ia comprar leite ao supermercado.

Que mais dizer? Era muito cuidadosa, atenciosa, bondosa. Nos dias de folga, visitavam-na os filhos de uma sua amiga, ela brincava com eles, enquanto a amiga acorria a encontros amorosos. «Eu, por enquanto, não tenho filhos», dizia a mulher, «e posso dedicar a estas crianças a minha atenção e o meu amor.»

Por vezes dizia coisas notáveis! Com frequência, queixava-se: «Estou cansada.» E proferia estas palavras no seu modo especial, muitas vezes seguidas. Escutávamos uma frase, quase na mesma entoação, mas facilmente captávamos também uma diferença no som de cada palavra dela. Deliciávamo-nos com essa diferença. Mas quem são esses nós? Já se sabe: nós não somos migalhas caídas debaixo do cesto do pão dela. Nem somos três gotas de sangue deixadas pela vizinha na soleira da porta da mulher.

Mas voltemos à história dela. Uma vez, essa mulher, sentada ao entardecer, no seu confortável apartamento diante do seu habitual

trabalho doméstico, estava a costurar. Qualquer coisa precisava há muito de ser remendada, ou era necessário reforçar um botão da gabardina. De resto, na verdade, ao preparar-se para ir dormir, ela despiu-se, colocou-se diante do espelho e suspirou. Havia já algum tempo sonhava engordar um pouco, ganhar algum peso, e nessa noite pareceu-lhe que as suas costelas estavam a ficar salientes para o lado, como os raios numa roda quebrada. Anotando para si mesma essa analogia, a mulher soltou um prolongado som: hu-u-u. E logo se arrastou para a sua ampla camisa clara, pendurada na porta envernizada do roupeiro, a sua camisa preferida de dia e de noite, vestiu-a e de repente viu, mesmo ao lado do seio, do lado direito, que na camisa brilhava uma pequena fenda. E o que é que pensam que aconteceu?

Uma mulher como aquela não ia deixar de prestar atenção mesmo a um rasgão insignificante na sua camisa de noite. Pegou numa fina agulha de prata, enfiou-lhe uma refinada linha branca e pôs-se a coser ponto atrás de ponto. Cada pontinho assentava bem, obediientemente, alegrando-se com os dedos brancos cuidados e com as unhas lilases atarefadas da mulher.

O que aconteceu depois — vocês, por certo, adivinham. Tudo levava precisamente a isso. A mulher bonita, perfeita, branquíssima, de mãos brancas, de cabelos dourados, sorriso suave e lábios vermelhos, esqueceu-se da agulha na camisa. Conseguiu realizar o seu intento, acertou cuidadosamente os pontos no corte ao lado do seio, mas esqueceu-se por completo da agulha, nem sequer cortou a linha, e depois de mais um pontinho, com um movimento estudado, espetou a agulha no fino tecido da camisa e deixou-a lá ficar — portanto, ao lado do seu coração.

História assombrosa.

Horror.

Ficamos sem palavras, mas não podemos fazer nada.

Ela podia ter cortado a linha ou pelo menos enrolá-la na agulha, podia, suponhamos, ter colado a agulha com cera, mas não. Nada disso aconteceu. A agulha ficou esquecida na camisa, para sempre. Sublinhemos, antes do final desta narrativa, que o rasgão se situava ao lado do coração e do seio, algures à esquerda, e a mulher não

consequira, até esse momento, ganhar peso, engordar, «ficar mais arredondada», como sonhava havia já muitos anos, praticamente desde a infância.

— Não percebo. Ela deixou ficar a agulha — mas porquê? Porque não a sentiu, foi? Ou, talvez, revelou-se-lhe no corpo uma fenda em que a agulha facilmente cabia? Por certo haverá ainda outras explicações.

Não há explicações. Mas talvez alguma coisa se possa esclarecer na próxima história.



## A aparadeira da luva

Não me posso calar perante o seguinte episódio, que me parece insolente e escandaloso.

Até que ponto fica por vezes destruído o destino de uma mulher, principalmente se é uma mulher já de certa idade, que grita, que é descarada e que se dedica à magia. Acreditar em Deus, ninguém proíbe. Acreditar em Deus é preciso, nem que seja para a saúde, para não morrer novo. Mas as pessoas inteligentes acreditam não apenas em Deus, elas percebem as coisas de um modo mais complexo, ou, melhor dizendo, em coisas mais complicadas. Tomemos, por exemplo, os elementos da Natureza. Pois não cumprem eles as ordens das forças celestiais, quando é necessário castigar alguém, dar-lhe um raspanete ou ir aos fagotes de alguém? Pois não adoram os elementos atormentar-nos, fazer troça de nós, espezinhar-nos, cuspir-nos na cara? Porque não havemos, nesse caso, de começar finalmente a confiar neles?

Mas, acreditem, não tenho esses preconceitos e não sou eu que assim penso, mas uma mulher completamente diferente, de quem a seguir se falará. Mas não contarei muitas coisas sobre ela, porque ela me pediu que me calasse. Ela era, sabem, uma mulher admirável, rara... — de resto, ainda agora é, continua viva, e próspera, em Kiev. Tinha uma profissão invulgar e necessária. Era aparadeira — em regime privado, é claro. Fazia-o de um modo excelente (e tive ocasião de me convencer disso pela minha própria experiência). Não havia nenhuma crise social que a assustasse! Em qualquer situação política

mantinha-se sempre pronta. Na realidade, ela atendia apenas algumas casas importantes do maciço de Khárkov, e atendia-as deste modo: aparava as crianças, as crianças que nasciam, numa luva. A luva era feita de pano vermelho e branco, e era enorme, imponente.

A mulher era de compleição física corpulenta, já de idade, sorridente e tinha o ar de quem já fizera sessenta anos alguns séculos antes. Tinha o rosto geometricamente quadrado e o triplo queixo torneado; sinais negros e vermelhos espalhados pelas faces acentuavam a coragem dos rápidos olhos castanhos, a vivacidade do pequeno nariz apurado e a assustadora destreza das mãos aduncas. Era devotada ao maciço de Khárkov, chamava-lhe «o meu navio», e havia já cinquenta anos que não saía dos seus limites. Reconhecia na rua cada criança que ajudara a nascer, tivesse a idade que tivesse, mesmo que aparentasse ser já um velho! E cada criança — o que mostra com precisão a nossa estatística —, como se obedecesse a forças muito superiores às forças humanas comuns, ao ser reconhecida, estava pronta a acorrer ao apelo dela, obedecer às suas ordens e correr atrás dela até ao fim do mundo. Coisa de que, no fundo, esta perigosa mulher de idade se aproveitava repetidas vezes para comprar manteiga, leite, requeijão e outros produtos, que utilizava ao natural ou com os quais preparava os seus pratos ou os remédios mágicos.

Não faz sentido estar com rodeios: aquela pessoa era uma bruxa, e todo o nosso bairro já por mais de uma vez esteve sujeito a inconcebíveis sofrimentos devidos ao capricho ou à maldade dela. Facilmente amaldiçoava casas inteiras, que se tornavam refúgio de forças maléficas e de fenómenos do outro mundo. Enviava chuvas de lama para os quintais, e os parques infantis começavam a apodrecer como os frutos demasiado maduros caídos das árvores.

Nunca ninguém viu no nosso pequeno bairro pessoa mais poderosa do que ela. Nunca ninguém se atreveu a objetar-lhe ou ir contra a vontade dela.

Não é de excluir que, mesmo agora, tudo isto que eu conto à mulher assombrada que escreve em meu lugar seja precisamente ela que mo segreda — ou eu já há muito tempo que vivo completamente submetida à sua vontade férrea.

Precisamente por isso não posso deixar de escrever o seguinte:

A magia é indestrutível.

A feitiçaria é eterna.

As forças maléficas governam o mundo.

Resisto com todas as forças, mal consigo respirar, esforço o peito, a barriga, os braços, tento apagar estas horríveis palavras, mas não posso. Não posso!

Por vezes conseguimos varrer o pátio, pôr alguma ordem na cozinha, sair para o trabalho — e até já nos parece que nos livrámos, que estamos em liberdade.

Mas não é assim. As flores no pátio murcharam, os canteiros transformaram-se em automóveis, as crianças andam sujas, os arbustos não querem florir. Do negro fosso da janela espreita uma enorme luva: Maria Ilínitchnaia prepara-se para o trabalho.